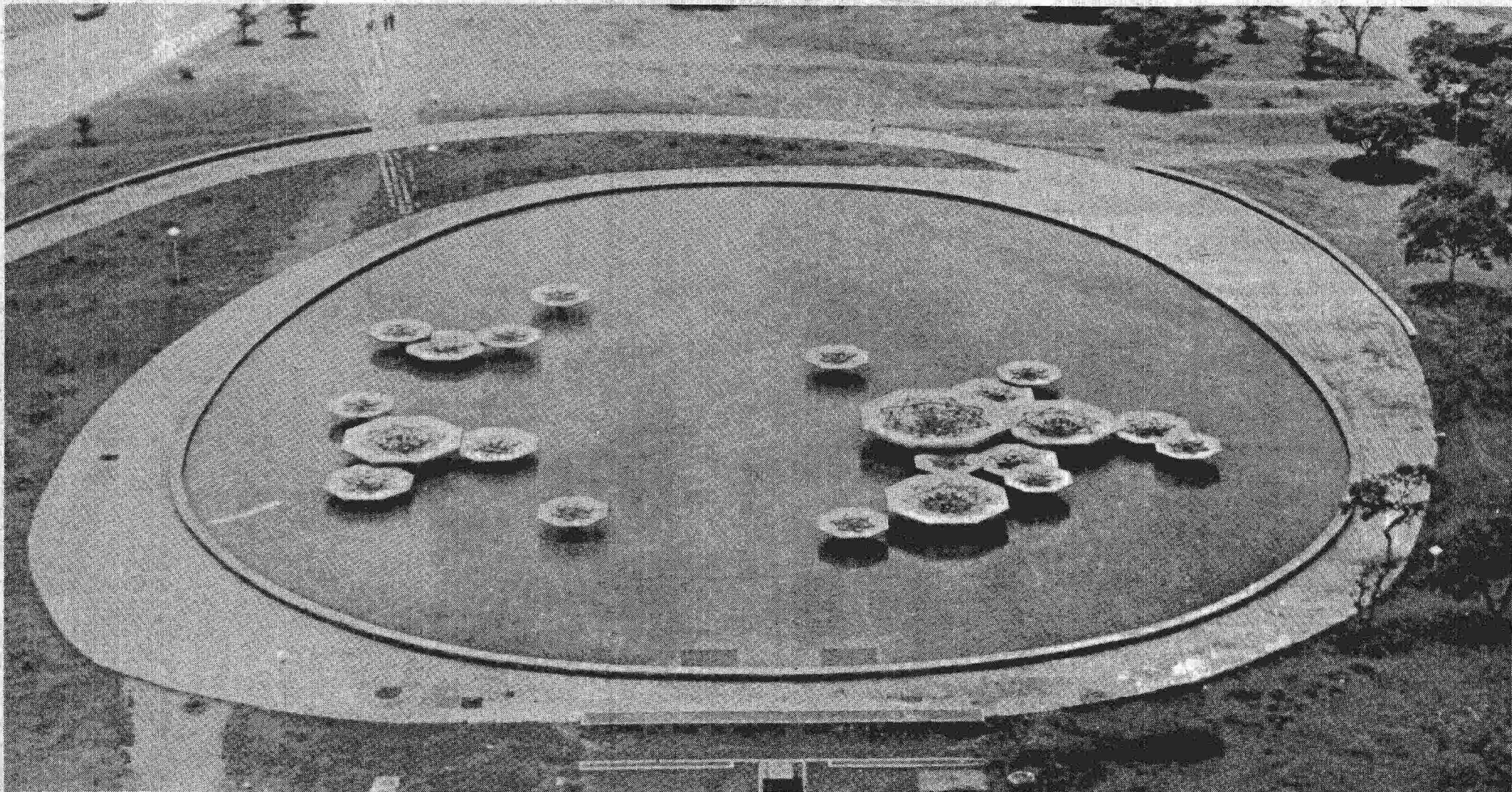


Fotos: Marcos de Oliveira



A fonte luminosa: de dia, realmente, não ilumina

NOVACAP REBATE CRÍTICAS DO "STAMPA"

Detur: a Capital não é fria

O diretor do Detur, Tarcísio José dos Santos, ficou chateado com a superficialidade da matéria do *La Stampa*, que "prejudica a imagem de Brasília no exterior, com informações infundadas".

—Brasília é uma das cidades mais bem conservadas do país. Não conheço Roma mas, pelo que vejo contar, é uma cidade imunda. Nós, aqui do Detur, não preparamos visitas a jardins, nem temos um roteiro dos jardins de Burle-Marx. O que preparamos, são "city tour", ou seja, juntamente com as agências de viagens, programamos visitas ao Cate-tinho, a museus, à Torre de TV, ao Congresso Nacional, etc. E é claro que nestes roteiros o turista vê os jardins da Praça dos Três Poderes, que me parecem muito conservados. Estou em Brasília há dez anos e nunca vi estes jardins abandonados.

Em sua matéria, Sandro Doglio diz que "o esbanjamento de soluções modernas, mais futuristas, é a razão da imensa frieza de Brasília".

Ai está um ponto que incomoda Tarcísio:

—A imagem de Brasília é a de uma cidade fria. Sabemos que isto não é verdade. A partir de abril, estaremos lançando a campanha *Paisagem Viva Pelo Homem*, com apoio da Embratur. Com esta campanha, pretendemos acabar com esta imagem de cidade fria. Ao invés de divulgar cartazes que mostram apenas os monumentos arquitetônicos, vamos inserir o elemento humano neste cenário maravilhoso. Mostraremos que Brasília é uma cidade normal, onde há calor humano.

Embora as críticas de Doglio preocupem Tarcísio Santos, ele diz não ter argumentos para rebatê-las, já que a conservação da cidade não é responsabilidade do Detur. E aproveita o momento para falar dos planos de turismo elaborados pelo órgão:

— Estamos lançando em São Paulo, a campanha *Brasília Mística*, que nasceu de um filme de Pedro Torre, onde ele compara a capital brasileira à cidade egípcia de Athon. Ele detectou semelhanças entre as duas cidades e seus fundadores: JK e o faraó Aquimatón. O turista que vier a Brasília, no final de semana, conhecerá a cidade pagando apenas a passagem aérea.



O lago artificial do Congresso é bem cuidado

ARQUITETO: VISÃO DO JORNAL É COLONIALISTA

O arquiteto Frederico Holanda, professor da Universidade de Brasília e um dos maiores críticos da cidade, inicialmente, não viu sentido em responder às colocações do jornal italiano, devido à superficialidade de seus enunciados.

Frente a nossa insistência, teve algumas considerações. Antes, porém, vale destacar que Holanda é autor de tese de mestrado defendida em Londres (e em breve defenderá tese de doutoramento na mesma cidade) onde apresenta uma visão pouco complacente de Brasília. Para ele, a cidade de Lucio Costa e Niemeyer, monumento da arquitetura moderna, traz em sua concepção básica as marcas do autoritarismo. "Aqui, diz ele, nada nasce espontaneamente, tudo é gerado de cima para baixo

Praça dos Três Poderes? pergunta ele. Não existe Praça naquela área. Você já viu namorados, crianças, enfim a comunidade, usando aquele espaço? Aqui, cultua-se o monumental. Não há relações de cotidianidade".

Mas frente às críticas de Sandro Doglio, Fred Holanda comenta: "E uma tolice o que ele diz. Brasília é a "sala de visita do país". Aqui, ao contrário, tudo é extremamente bem cuidado, bem conservado. As críticas deste repórter são profundamente mal fundamentadas. Os pecados que verificamos em Brasília, monumento da arquitetura moderna, estão todos na Itália, na França, na Inglaterra. Há, nisto tudo, uma postura colonialista. Por que ver os problemas da conservação de edifícios modernos em

Brasília e não na Europa? Será que eles se esquecem que os princípios da arquitetura moderna vêm da Europa?"

E que "pecados" são estes? Fred responde: "Verificamos envelhecimento precoce em qualquer edifício moderno, seja ele americano, italiano ou brasileiro. E este envelhecimento precoce se deve ao uso dos materiais selecionados. E comum vermos os prédios de Brasília, com pouco mais de 20 anos, sofrendo reparos. No Instituto Central de Ciências (Minhocão-UnB) os pisos dos jardins estão passando por reparos, devido a problemas de infiltração".

Outra questão levantada por Fred Holanda se prende à afirmação de Doglio de que Brasília foi construída num deserto, longe milhares de km de qualquer centro urbano. (O

repórter não sabe, por exemplo, que duas décadas antes nasceu Goiânia, capital planejada, apenas 210 km distante de Brasília).

Diz Fred: "Esta história de que Brasília conquistou o deserto, interiorizou o país, é uma bobagem. O que houve foi a interiorização do capitalismo brasileiro para o centro-norte do país."

Quanto ao abandono dos jardins de Burle-Marx, Fred é incisivo:

O cuidado com o Plano Piloto é tamanho que, ao contrário do que diz o repórter italiano, devemos até questioná-lo. Será justificável, num país de problemas sociais graves como os brasileiros, dispendir tantos recursos na conservação de alguns gramados, jardins e monumentos?

MARIA DO ROSARIO CAETANO

O diretor da Novacap, Getúlio Góes Ferretti, assessorado pelo diretor do Departamento de Parques e Jardins, Ozanan Correia de Alencar, comenta as críticas do jornal *La Stampa*, respondendo "por partes".

Com relação ao abandono dos jardins da cidade, criados pelo famoso paisagista, Roberto Burle-Marx, Ozanan faz, primeiro, um reparo:

—Os jardins de Burle-Marx são uma parte ínfima da área verde brasiliense. Ele criou os jardins do Palácio do Itamarati e da Justiça e os das superquadras 714, 114 e 308 Sul. (O arquiteto Luis Humberto lembra que Marx criou, ainda, os jardins do Parque da Cidade; do congresso Nacional — um que fica atrás do grande painel postado na entrada do edifício; do Setor Militar Urbano e parte do Palácio da Alvorada). É importante dizer que seus jardins são os mais bem conservados da cidade. O Palácio da Justiça e Itamarati cuidam de seus jardins com zelo pelo menor detalhe. Burle-Marx não foi o idealizador dos jardins das áreas públicas de Brasília.

Depois desta consideração, Getúlio Ferretti fala de seu espanto frente às críticas de "seu patricio" (sorri, lembrando que é descendente de italianos):

—No orçamento deste ano, o GDF destinou 450 milhões de cruzelros à conservação de áreas verdes e vias públicas. Este montante é a prova evidente de que não há o menor descuido.

Quanto à possibilidade do repórter ter visitado Brasília na época da seca, Ferretti comenta: "então, ele estava mal intencionado, pois não levou em conta a estação. Se visitarmos Washington no outono, vamos encontrar as árvores desfolhadas".

E o diretor da Novacap tece considerações maliciosas: "Se Roma foi feita em um ano, Brasília foi feita em um dia. Hoje, temos 23 anos e 20 milhões de metros quadrados de área verde. Roma tem mais de dois mil anos e área verde menor que a nossa. E o Brasil, um país em desenvolvimento, não pode gastar demais em conservação, pois precisa cuidar de outras prioridades. Mas vale lembrar ao jornalista italiano que não temos nenhum gramado com dois mil anos de existência. Digo isto porque grama é como o vinho, quanto mais velha melhor".

Ferretti diz que "o Mello (Secretário de Viação e Obras do GDF) costuma dizer que o Governo não tem condições de cuidar do microdetalhe, ou seja, aparar bem a grama no seu encontro com o meio-fio, dar o acabamento ideal às coroas das árvores, etc, porque a área verde de Brasília é imensa. Mas com o tempo, esperamos cuidar também, do detalhe. Por enquanto, nossas máquinas trabalham incessantemente na poda de gramados e na recuperação de vias públicas.

FONTE LUMINOSA

O segundo ponto crítico apontado por Sandro Doglio e esclarecido por Ferretti, diz respeito ao uso da Fonte Luminosa:

—A afirmação do repórter

italiano, em parte, é correta. A cidade tem três fontes luminosas: a da Praça do Buriti, que funciona todas as noites, com exceção de segunda-feira; a da Torre, que só funciona nos fins de semana, e a do Parque da Cidade, idem. Ele só errou em dizer que a fonte não funciona por economia de energia elétrica. Esta, felizmente, é muito abundante no Brasil. Na realidade, a Fonte da Torre só funciona nos fins de semana por economia de recursos humanos e transporte. O repórter se refere aos "refletores coloridos da Fonte Luminosa que o prefeito quer economizando energia". Mas as duas fontes (a do Buriti e a da Torre) não jorram mais águas coloridas. A velha fonte luminosa de refletores multicores, que encantou os brasilienses na primeira década e meia de Brasília, foi substituída por um viaduto (por volta de 1975) e transferida para o Parque da Cidade.

Ferretti diz que o não funcionamento das fontes dia e noite traz uma economia anual de 7 milhões de cruzelros.

E Ozanan aproveita a oportunidade para solicitar da população um maior apreço aos bens públicos:

—A Fonte da Torre é a mais depredada de todas. Os populares roubam os bicos que jorram água. Recentemente, repusemos 600 bicos nas 17 taças que compõem a fonte. As pessoas tomam banho nas suas águas e, se não houver vigilância, também lavam roupa. Mas o problema mais grave é o lixo que jogam dentro da fonte: esgoto de churrascuinhas e outros materiais provocam danos imensos à bomba de sucção.

Quanto ao envelhecimento dos prédios criados por Niemeyer, Ferretti ironiza: "este meu patricio é muito mal humorado".

—A que edifícios ele se refere? Os Palácios da Alvorada, Itamarati e Justiça, Congresso Nacional, Catedral e Ministérios estão muito bem cuidados. Se ele se refere a áreas não edificadas, esqueceu-se de que a cidade só tem 23 anos.

E o diretor da Novacap (hoje um organismo menor dentro da hierarquia do GDF, mas que foi o poderoso instalador da nova cidade) se espanta com a visão do repórter italiano, uma vez que os estrangeiros ficam fascinados com as áreas verdes de Brasília:

—Os diplomatas africanos, quando conversam comigo, perguntam como conseguimos manter áreas verdes tão belas? Na África, em países de clima semelhante ao nosso, ainda não conseguiram fazer o que fazemos.

E nossa experiência com arborização é nova. Só agora temos pesquisas capazes de nos garantir resultados concretos. No começo de Brasília, arborizava-se a cidade às escuras. Hoje, o Departamento de Parques e Jardins trabalha respaldado em pesquisas que lhe indicam as espécies adaptadas à região. A Asa Norte, por isso, não enfrentará os problemas com arborização vividos pela Asa Sul, em especial a W/3, que presenciou a morte de centenas de árvores.